



---

**ARTIGOS - ARTICLES**

---

**Indústria siderúrgica brasileira nas ideias de  
Monteiro Lobato e Pandiá Calógeras**

Cristiano Pereira

Doutor em História Econômica FFLCH/USP  
Prof. Efetivo da Pref. Mun. de São José dos Campos  
profdrcep@gmail.com

**Resumo:** Monteiro Lobato (1882-1948), após voltar dos Estados Unidos em 1931, resolveu engajar-se na área industrial, no ramo da siderurgia. Para conseguir simpatias da opinião pública brasileira, veicula, no jornal "O Estado de S. Paulo", seis artigos nos quais conclama aos leitores a necessidade ingente de promover a siderurgia nacional. Entretanto, algumas de suas proposições sobre indústria siderúrgica não eram originais, e sim desenvolvimento de ideias anteriormente expressas por Pandiá Calógeras (1870-1934); o escritor brasileiro desenvolveu a proposição de que o incremento econômico que seria obtido por uma inovadora indústria siderúrgica geraria, necessariamente, um "derivativo cultural" no Brasil.

**Palavras-chave:** Monteiro Lobato, Pandiá Calógeras, siderurgia.

***Brazilian steel industry in the ideas of  
Monteiro Lobato and Pandiá Calógeras***

**Abstract:** Monteiro Lobato (1882-1948), after returning from the United States in early 1931, decided to engage in the industrial area, in the steel industry. In order to gain sympathy from the Brazilian public opinion, it publishes, in the newspaper "O Estado de S. Paulo", six articles in which he calls on readers the urgent need to promote the national steel industry. However, some of his propositions about the steel industry were not original, but rather the development of ideas previously expressed by Pandiá Calógeras (1870-1934); the Brazilian writer developed the proposition that the economic increase that would be obtained by an innovative steel industry would necessarily generate a "cultural derivative" in Brazil.

**Keywords:** Monteiro Lobato, Pandiá Calógeras, steel industry.

## INTRODUÇÃO

Monteiro Lobato (1882-1948), bacharel em Direito em São Paulo, antes de ser um escritor plenamente conhecido pelo público brasileiro com o seu livro de contos "Urupês" (1918), procurou, desde muito jovem, encetar negócios factíveis. Lobato teve a ideia de criar uma fábrica de geleias; conseguiu uma concessão para construir uma pequena estrada de ferro de Taubaté, sua terra natal, à cidade vizinha de Tremembé; em 1911, obteve a concessão da construção de um sanatório para tratamento de tuberculosos em São José dos Campos.<sup>1</sup> Estes negócios e/ou projetos de negócio foram incipientes. O que tornou Lobato "capitão de indústria" foi a sua empresa editora, que, sob algumas denominações, chegou a ser a maior do Brasil nos anos 20, falindo estrondosamente em 1925.<sup>2</sup>

Posteriormente, o escritor taubateano criou, juntamente com o seu sócio Octalles Marcondes Ferreira, a Companhia Editora Nacional, a qual se mostrou inovadora no mercado editorial brasileiro de então.<sup>3</sup> Após este sucesso, Monteiro Lobato aceitou uma proposta do governo de Washington Luiz para ser Adido Comercial em Nova York, e nesta cidade Lobato conheceu William H. Smith, criador de um método siderúrgico que utilizava fornos de relativo pequeno porte, os quais utilizavam como agente redutor qualquer fonte de carbono, para a fabricação de ferro esponja.

Lobato logo percebeu que tal tecnologia poderia ser aplicada em terras brasileiras, com uma transferência e aplicação das patentes registradas por William H. Smith, através de sua empresa General Reduction Corporation.<sup>4</sup> A posição de Lobato como adido comercial possibilitou que este conhecesse um empresário brasileiro do ramo da siderurgia, Fortunato Bulcão. Este possuía uma concessão, conseguida em ja-

---

<sup>1</sup> PEREIRA, Cristiano José. *A cidade, a fábrica e a juventude: a mão-de-obra juvenil na Fábrica de Louças "Santo Eugênio" e o contexto industrial de São José dos Campos-SP (1921-1973)*. 2009. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

<sup>2</sup> CAVALHEIRO, Edgar. *Monteiro Lobato: Vida e Obra*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1962, tomo 1, p. 267-268.

<sup>3</sup> Cf. BEDA, Ephraim de Figueiredo. *Octalles Marcondes Ferreira: formação e atuação do editor*. 1987. Dissertação de Mestrado em Comunicações. Escola de Comunicações da Universidade de São Paulo.

<sup>4</sup> SMITH, William H; GEN. REDUCATION CORP.; GENERAL REDUCTION Corp. "Process of reducing iron ore without melting" (US1846530A). Disponível em: <https://patents.google.com/patent/US1846530A>. Acesso em: 09 abr. 2021.

neiro/1925, que dava a ele vantagens excepcionais na criação de uma indústria siderúrgica no Brasil, no município de Santa Bárbara (MG) ou na então Capital Federal,<sup>5</sup> sendo que faltavam a Bulcão os capitais para começar tal indústria. Lobato e Bulcão, sob tal confluência de objetivos, tornaram-se amigos e sócios.

O Adido Comercial taubateano estava entusiasmado e esperançoso com os prognósticos de sua futura atuação como empreendedor no ramo siderúrgico, e cartas que escrevera na ocasião a seus amigos e parentes não deixaram dúvidas a respeito: "(...) O ferro esponja, Rangel! Eis a beleza suprema".<sup>6</sup> A "beleza" do ferro esponja era assim resumida no texto da patente assinada por William H. Smith:

This invention relates to metals reduced from their oxides without melting, and has to do particularly with the subsequent, treatment of the reduced oxides to produce a substantially pure iron with low carbon content, and the treatment and recovery of gangue in the reduced iron by fluxing at temperatures below the melting temperature of iron.<sup>7</sup>

Posteriormente, embora enxergasse, em terras norte-americanas, a "beleza suprema" do ferro esponja, Lobato foi seduzido pelo jogo da Bolsa de Nova York. Com a quebra da Bolsa em outubro de 1929, o então adido comercial perdeu o seu capital investido em ações do "Stock Exchange"<sup>8</sup>, a tal ponto que se viu obrigado a esconder de sua esposa, D. Purezinha, tal perda.<sup>9</sup> Para sanar tal prejuízo, Lobato vendeu as ações que possuía na Companhia Editora Nacional a Temístocles Marcondes, irmão de seu sócio, perdendo, dessa forma, o controle acionário de sua empresa no ramo editorial.<sup>10</sup>

Com a Revolução de 30, subiu ao poder Getúlio Vargas, em seu "Governo Provisório". Em dezembro/1930, Monteiro Lobato foi exonerado de seu cargo de Adido Comercial, o qual possuía vínculo com o Ministério das Relações Exteriores.

---

<sup>5</sup> REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL. Decreto n.º 16.775, de 13 de janeiro de 1925. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-16775-13-janeiro-1925-566406-publicacaooriginal-89987-pe.html>. Acesso em: 25 out. 2021.

<sup>6</sup> MONTEIRO LOBATO, José Bento. *A Barca de Gleyre - 2.º tomo*. São Paulo: Brasiliense, vol. 13, 1946, p. 312. Transcrito conforme o original.

<sup>7</sup> SMITH, William H; GEN. REDUCATION CORP.; GENERAL REDUCTION Corp., op. cit.

<sup>8</sup> MONTEIRO LOBATO, José Bento. *Cartas Escolhidas - 1.º tomo*. São Paulo: Brasiliense, vol. 16, 1959, p. 297. Transcrito conforme o original.

<sup>9</sup> Idem, p. 306.

<sup>10</sup> Cf. BEDA, Ephraim de Figueiredo. *Octalles Marcondes Ferreira: formação e atuação do editor*. 1987. Dissertação de Mestrado em Comunicações. Escola de Comunicações da Universidade de São Paulo.

Desalojado de seu cargo, o escritor passou por dificuldades monetárias para conseguir voltar ao Brasil no início de 1931, de acordo com uma carta que enviou à sua irmã Esther M. L. de Moraes: "(...) não diga nada a Edgard [filho de Monteiro Lobato] nem a ninguém, mas tive um grande prejuízo na Bolsa, ficando a nenhum justamente numa época em que o governo me corta o ordenado e nem o dinheiro para a volta me manda. (...)”<sup>11</sup>

Como aqui visto, o escritor só não estava falido porque vendera a sua parte na sociedade que mantinha com Octalles Marcondes na Companhia Editora Nacional.<sup>12</sup> Provavelmente o escritor utilizou este capital para fomentar uma indústria com a então nova técnica do ferro esponja em algo rentável, no "Syndicato Nacional de Industria e Commercio S. A.", sendo que Lobato entrou com 300 contos para o capital social da empresa.<sup>13</sup>

Na ocasião, Monteiro Lobato resolveu divulgar a existência do método Smith, e sua aplicabilidade no caso brasileiro, antes mesmo de colocar a empresa, da qual era um dos sócios, em funcionamento. Através das páginas do periódico "O Estado de S. Paulo", Lobato realizou o intento propagandístico de antecipar para o público leitor de que o Brasil necessitaria com urgência da nova indústria siderúrgica, através de uma campanha encetada pela imprensa. O "Syndicato Nacional de Industria e Commercio S. A." foi constituído na cidade do Rio de Janeiro, em 27 de maio de 1931, portanto, 23 dias depois da publicação do último artigo lobatiano, denominado "A magna questão: preço de custo", em "O Estado de S. Paulo".<sup>14</sup>

Além da questão do lucro e da geração de riqueza, elementos que o escritor jamais deixou de lado em seus negócios, incipientes ou não, o que Lobato encontrava de "belo" na siderurgia era a possibilidade de criar riqueza econômica para o fomento de uma nova perspectiva econômica e cultural para o Brasil, promovendo ao público,

---

<sup>11</sup> Idem, p. 305.

<sup>12</sup> Cf. BEDA, op. cit.

<sup>13</sup> SYNDICATO NACIONAL DE INDUSTRIA E COMMERCIO S. A. Rio de Janeiro - Brasil. Acta da Assembleia geral preparatoria para a constituição da Sociedade Anonyma "Syndicato Nacional de Industria e Commercio S. A." Original de BRASIL. Diário Oficial, 16 jun. 1931, p. 48-52. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/diarios/1978087/pg-48-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-16-06-1931>>. Acessos em: 11 out. 2020; 08 mai. 2021.

<sup>14</sup> Idem, ibidem.

através dos artigos, de que a noção de que a cultura seria um derivativo do desenvolvimento econômico.

## CAMPANHA PELA IMPRENSA

Monteiro Lobato escreveu sete artigos sobre a aplicação da nova siderurgia no Brasil através do método Smith, publicando-os no jornal "O Estado de S. Paulo" entre 28 de maio e 04 de junho de 1931. Havia um tom de urgência nos artigos: o ferro faria do Brasil um país que fugiria da modorra e da água panada, obtendo desenvolvimento sociocultural através do incremento econômico, representado pelo fomento da siderurgia em território nacional. O testemunho representado pelos artigos, segundo Lobato, era "sincero" e "ponderado", portanto, reflexos de uma lógica para ele incontestável. Em 28 de maio de 1931, Lobato publicou no jornal paulistano pela primeira vez a sua conclamação: "Ferremos o Brasil!"<sup>15</sup>

Esta conclamação encontrava concordância na existência de jazidas do minério de ferro no Brasil, as quais passaram a ser conhecidas mais profundamente em relação à sua pureza em teor ferrífero por industriais europeus a partir do Congresso de Geologia de Estocolmo, em 1910. Os recursos ferríferos nacionais começaram a ser valorizados, principalmente após a análise do minério brasileiro: este possuía 65% ou mais de teor ferrífero, valor superior aos 50% encontráveis na França, Estados Unidos e Canadá.<sup>16</sup>

No mesmo ano de 1931, os artigos publicados n"O Estado de S. Paulo" foram reunidos no volume "Ferro". No volume, que continha mais de uma dezena de alterações em relação ao texto original dos artigos publicados anteriormente em jornal, Lobato definiu quais seriam os principais tópicos que abarcaria todo o volume, inclusive citando nominalmente Pandiá Calógeras na folha de rosto, na epígrafe e em várias notas de rodapé que foram acrescentadas.

---

<sup>15</sup> MONTEIRO LOBATO, José Bento. *"Machina e Energia"*. In: O ESTADO DE S. PAULO, 28 de maio de 1931. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br>. Acesso em: 15 abr. 2015. Transcrito conforme o original.

<sup>16</sup> MOTTA, José do Patrocínio. *Economia Mineira Nacional - 1.º volume*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; São Paulo: Editora McGraw-Hill do Brasil, 1977, p. 37.

Outro elemento importante que Lobato utilizou na primeira edição de "Ferro" foi o acréscimo de caracteres itálico, desta forma, realizando um destaque tipográfico das seguintes proposições: (1:) "(...) *nosso problema não é político, nem racial, nem climaterico, mas pura e simplesmente economico*";<sup>17</sup> (2:) "*O ferro constitue a base do desenvolvimento economico de um país; sem ferro, portanto, o Brasil jamais se fará*".<sup>18</sup>

Os trechos anteriores em itálico correspondem à 1.<sup>a</sup> edição do livro "Ferro". Entretanto, na revisão do texto realizada diretamente pelo autor, publicada pela editora Brasiliense em 1946, o escritor taubateano acrescentou um novo termo em itálico, o qual encontra-se a seguir: (3:) "*Ferro, só o ferro cria a riqueza e o poder*".<sup>19</sup>

Portanto, 15 anos depois Monteiro Lobato não se furtou de revisar a obra, acrescentando para os leitores, após o período do Estado Novo, de que aquilo que discutira com tanta veemência pela imprensa na década anterior, e também em volume, deveria ser revisitado: "só o ferro cria a riqueza e o poder".

Embora Monteiro Lobato e outros tenham conseguido organizar e fundar o "Syndicato Nacional de Industria e Commercio S. A.", em 27 de maio de 1931, com sede na então capital federal, o "sonho" não durou muito tempo: dificuldades e desinteligências surgiram entre os sócios quanto à aplicabilidade das patentes Smith no país,<sup>20</sup> fazendo Monteiro Lobato despedir-se por carta de seu sócio na empreitada do ferro no Brasil, o engenheiro Fortunato Bulcão:

S. Paulo, 12,12, 1933 (...) Não vejo meio do negócio [do ferro] caminhar, com as desinteligências e incompatibilidades que se formaram. Todos aqui estão contra você, e dizem que o negócio do ferro precisa outro chefe. Fiquei sozinho a resistir à maré, mas já agora resolvi não me meter mais nesse eterno embrulho. Só me tem servido para tomar tempo e levar dinheiro. (...) // Quanto a mim, retiro-me do negócio. Você poderá continuar o debate com os outros.<sup>21</sup>

---

<sup>17</sup> MONTEIRO LOBATO, J. B. "Consciencia de algo errado". In: *Ferro*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1931, p. 16. Transcrito conforme o original.

<sup>18</sup> Idem, p. 22.

<sup>19</sup> MONTEIRO LOBATO, J. B. "Tudo é transporte". In: *Ferro*. São Paulo: Brasiliense, v. 11, 1946, p. 259. Transcrito conforme o original.

<sup>20</sup> Cf. NUNES, Cassiano. *Monteiro Lobato e Fortunato Bulcão: o sonho do aço brasileiro*. Brasília: Thesaurus, 1985.

<sup>21</sup> Carta de MONTEIRO LOBATO a Fortunato BULCÃO, datada de "São Paulo, 12,12,1933". In: \_\_\_\_\_. *Cartas Escolhidas - tomo 1*. São Paulo: Brasiliense, v. 16, 1959, p. 336-337. Transcrito conforme o original.

Alquebrado, Lobato retirou-se diretamente dos negócios relativos ao ferro. Em carta a Henrique Rupp Júnior, datada de 07 de julho de 1935, afirma: "(...) Eu já desisti de continuar na luta. Não vale a pena. O Brasil é uma coisa sórdida que não vale a pena. Quem quer o bem de semelhante terra é cretino. (...) "<sup>22</sup>

A retirada precoce de Monteiro Lobato do negócio do ferro não encontrou correspondência no estabelecimento de empresas petrolíferas, nas quais Lobato mourejou mais de dez anos lutando contra diversos adversários e inimigos, tais como a Legislação de Minas, trustes internacionais do petróleo e técnicos metalúrgicos/petrolíferos com grande influência no contexto do Estado Novo. Tal luta de Lobato levou-o a ter prejuízos milionários, além de ter provocado a sua prisão em 1941.

### **PANDIÁ CALÓGERAS: UM ESTADISTA PROPUGNADOR DA INDÚSTRIA BRASILEIRA**

João Pandiá Calógeras (1870-1934), formou-se na Escola de Minas de Ouro Preto no ano de 1890. Ligado a múltiplas atividades como engenheiro, jornalista, escritor e membro de comissões nas administrações do Estado de Minas Gerais e, também, em âmbito federal, Calógeras pôde, mesmo sendo considerado muito jovem, ser indicado para ser candidato a Deputado Federal por Minas Gerais, sendo posteriormente reeleito para várias legislaturas.

Trabalhador incansável, Calógeras escreveu a sua obra "As Minas do Brasil", em três volumes, nos quais analisou os metais extraídos ou então passíveis de extração no Brasil, os quais eram riquezas que deveriam ser racionalmente exploradas no Brasil. Segundo Francisco Iglésias, esta obra "inscreve o nome do autor entre os historiadores consideráveis do país", além de ser a mais importante de sua bibliografia.<sup>23</sup>

---

<sup>22</sup> Carta de MONTEIRO LOBATO a Henrique RUPP JÚNIOR, datada de "Campos do Jordão, 7,7,1935". In: \_\_\_\_\_. Cartas Escolhidas - tomo 1. São Paulo: Brasiliense, v. 16, 1959, p. 347-348. Transcrito conforme o original.

<sup>23</sup> IGLÉSIAS, Francisco. "Ação e Pensamento de João Pandiá Calógeras". In: *Ideias políticas de Pandiá Calógeras. Introdução, cronologia, notas bibliográficas e textos selecionados*. Brasília: Senado Federal; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987, p. 78;84.

Após ser Ministro da Agricultura e da Economia no governo de Wenceslau Braz (1914-1918), e da Guerra no governo de Epitácio Pessoa (1919-1922), Calógeras recolheu-se à vida privada durante o período 1922-1933. Nesse período, Calógeras foi presidente da Companhia Nacional de Artefatos de Cobre, CONAC (1923-1929), e continuou a publicar artigos e livros, tendo inclusive dirigido a "Revista do Brasil", em sua segunda fase, entre 1926 e 1927.<sup>24</sup>

As preocupações de Calógeras em relação à siderurgia foram estendidas à sua atuação na Câmara Federal dos Deputados, onde, em discursos, pleiteou apoio do Estado à iniciativa privada:

(...) Tudo se reduz, portanto, a uma questão de capitais e a encontrar, a organizar os meios conducentes a importá-los no país para aproveitamento de recursos nossos. // Donde provirão esses capitais, e por que forma introduzi-los no país? // Há uma única solução: é a prática de uma política leal e franca, de colaboração à iniciativa individual, tendo o Governo sempre em conta que todo e qualquer ônus lançado ao capital vai refletir diretamente no preço de custo do produto obtido, e este será fatalmente compensado pelo aumento do preço de venda com que este mesmo produto será oferecido ao consumidor.<sup>25</sup>

Calógeras teve o cuidado de publicar em volume vários de seus artigos, evitando que estes ficassem dispersos em periódicos, de difícil consulta posterior. Em 1928, em uma conferência na Escola Politécnica em São Paulo, publicada no mesmo ano no livro "Problemas de Governo", Calógeras proferiu várias opiniões sobre o método Smith, não sem inserir o sal da dúvida da real viabilidade deste então novo método siderúrgico:

Quanto ao ferro, urge indagar e contrastear a veracidade das notícias que nos vêm dos Estados Unidos sobre o preparo corrente e economico da esponja, pela reduçãõ directa dos minerios, sem intervençãõ do coke. *Confirmandos plenamente os informes*, abrem possibilidades illimitadas para o Brasil (...) <sup>26</sup> [itálico nosso]

---

<sup>24</sup> Idem, p. 22-23.

<sup>25</sup> CALÓGERAS, Pandiá. Transcrição de fala do Deputado na Câmara Federal (1909) apud IGLÉSIAS, Francisco. *Ideias políticas de Pandiá Calógeras. Introdução, cronologia, notas bibliográficas e textos selecionados*. Brasília: Senado Federal; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987, p. 345.

<sup>26</sup> CALÓGERAS, Pandiá. *Problemas de Governo*. São Paulo: Empresa Grafica Rossetti Ltda., 1928, p. 75. Transcrito conforme o original.



E a indústria siderúrgica possuía especial predileção de Calógeras em ser fomentada em território nacional, com um princípio basilar: o Brasil não deveria ser um "mero fornecedor" de matéria-prima para o restante do mundo:

Precisamos e queremos produzir metal para o mundo inteiro, e não sermos méros fornecedores de materia prima, e re-compradores de productos elaborados com os minerios nossos. // Precisamos e queremos realizar tal programma, não "contra" os consumidores ou os fabricantes estrangeiros, mas de harmonia e collaboração com elles. Pensamento altamente politico, de independencia e de grandeza nacional.<sup>27</sup>

Calógeras deplorava a "estreiteza" do "espírito regionalista": "(...) problema essencialmente nacional, a siderurgia deve independer da estreiteza do espirito regionalista. E este, infelizmente, tem embaraçado o caso de modo duradouro e grave".<sup>28</sup> Portanto, a questão urgente em ser resolvida no Brasil, para Calógeras, era também cultural e humano, com o acréscimo da ação do Estado como propugnador de parcerias com o capital internacional.

Para o estadista mineiro, não bastaria a existência de grandes jazidas de ferro no Brasil, sem que houvesse uma nova concepção de evitar o estreitamento de ideias econômicas no chamado "espírito regionalista". Os interesses particulares, para Calógeras, deveriam estar abaixo do grande interesse nacional: "Agir sempre por amor ao proximo, olvidada a personalidade propria para melhor servir a comunhão".<sup>29</sup>

## LOBATO: CULTURA EM DERIVATIVO

Para Lobato, se a população é incapaz de gerar riqueza palpável, por não possuírem "meios" para isso, cabe a uma "inteligencia de escol, das que *compreendem*",<sup>30</sup> com a necessária competência em confiar e empreender algo novo, para fazer a cultura atingir uma autêntica "floração". Sua opinião sobre o povo – entendido como massa disforme

---

<sup>27</sup> Idem, p. 27.

<sup>28</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>29</sup> Idem, p. 29.

<sup>30</sup> MONTEIRO LOBATO, José Bento. *O Presidente Negro*. São Paulo: Brasiliense, vol. 5, 1946, p. 143. Itálico do autor. Transcrito conforme o original.

e ignara – não era nada positiva. No livro "Mr. Slang e o Brasil", em diálogo, o escritor afirma, através de um diálogo:

[Narrador-personagem, sem nome declarado no texto:]

– (...) Mas o Congresso [Nacional], como o temos, não merece ser o detentor da hegemonia. Se a mão do executivo não lhe puser freios não sabemos onde irá parar o país...

[Mr. Slang:]

– Se o mandatário é incompetente, o povo que lhe casse o mandato e escolha outro á altura da missão.

[Narrador-personagem, sem nome declarado no texto:]

– Mas o nosso povo é incapaz de escolher. Não tem a cultura, nem a educação moral necessaria para escolher.<sup>31</sup>

Esta visão elitista de afirmar, com todas as letras, de que o povo brasileiro seria incapaz de escolher os seus representantes porque não possuíam "cultura" nem "moral" necessárias para escolher políticos de "mão limpa",<sup>32</sup> embora o voto secreto ainda não fosse aplicado nas eleições brasileiras, não seria estranha à formação familiar e intelectual de Lobato, bacharel em Ciências Jurídicas e neto do Visconde de Tremembé, latifundiário e capitalista, um dos homens mais ricos e "ilustrados" do Vale do Paraíba paulista, presente em vários negócios considerados de vulto em Taubaté, na segunda metade do século XIX.

Pandiá Calógeras afirma, no artigo "Aspectos da Economia Nacional", incluso no livro "Problemas de Governo":

Os fundamentos da actividade politica são por demais movediços; a representação das questões e a escolha dos expoentes por demais baseadas por ficções de duvidosa logica; para que se possa realmente esperar em tal ambiente selecção elevada de valores. Não é de hoje a nota de que as democra-

---

<sup>31</sup> MONTEIRO LOBATO, José Bento. *Mr. Slang e o Brasil*. São Paulo: Brasiliense, vol. 8, 1946, p. 83-84. Transcrito conforme o original.

<sup>32</sup> Idem, p. 83.

cias são o triunfo das mediocridades, e quando muito permitem alcançar níveis de mediania. Mais de dois mil anos de história registrada, dão abundante manancial de provas.<sup>33</sup>

A "selecção elevada de valores" pressupunha a existência de um escol livre para estabelecer o que seria melhor para o Brasil, não deixando para os "mediócras" tal decisão de, ao menos, alcançarem níveis de mediania. Portanto, a falta de cultura das maiores foi subentendida por Calógeras como justificativa da afirmação de que as democracias "são o triunfo das mediocridades".

Tal afirmativa de Calógeras foi escrita no período em que ele estava afastado da vida pública (1928), para a qual só pôde voltar no penúltimo ano de sua vida, em 1933. Portanto, havia para o estadista, na ocasião, a amargura de ver-se fora dos principais acontecimentos políticos brasileiros, sendo obrigado a dedicar-se à iniciativa privada, na área industrial, e a continuar com as suas funções de escritor e também de publicista em vários jornais.

Léo Vaz, jornalista que trabalhou com Monteiro Lobato na "Revista do Brasil", em sua primeira fase, afirma:

Quanto à longa e acidentada carreira de Monteiro Lobato, muita gente o censurou pelo que chamava de sua versatilidade: escritor, editor, livreiro, metalúrgico, fazendeiro, loteador de terrenos, prospector de petróleo, assessor consular, jornalista, em mil e uma empresas se meteu nele, nem sempre com os resultados desejáveis (...) // Aquela mesma intensa e inteligente curiosidade que o levava em criança a sapear o ofício do carapina e o transformava em carpinteiro amador, o compeliaria, mais tarde, a embarafustar-se em outras atividades, para as quais com pouca ou nenhuma aptidão nascera. Daí alguns de seus malogros, se se olhar a coisa apenas pelo ângulo econômico dos resultados. Mas quanta satisfação e prazer verdadeiros não sentiu ele em todas essas experiências.<sup>34</sup>

---

<sup>33</sup> CALÓGERAS, Pandiá. *Problemas de Governo*. São Paulo: Empresa Grafica Rossetti Ltda., 1928, p. 10. Transcrito conforme o original.

<sup>34</sup> VAZ, Léo. *Páginas Vadias*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1957, p. 93.

A "intensa e inteligente curiosidade" de algumas das ações e opiniões de Lobato seriam melhor especificadas ao público leitor nos rodapés de um volume próprio, "Ferro", em 1931. Lobato possuía total liberdade de escrever e publicar aquilo que bem entendesse na Companhia Editora Nacional, pois havia a tolerância e confiança de seu ex-sócio.

Todos os artigos anteriormente publicados em "O Estado" ganharam em volume, ao menos, uma nota de rodapé, sendo que as menções à cultura foram ressaltadas através das seguintes afirmações: (1) "Cultura é simples floração da riqueza";<sup>35</sup> (2) "Cultura é função de riqueza",<sup>36</sup> tendo estas afirmativas gerado uma conclusão em (3): "A cultura sai da riqueza, porque cultura exige meios que só a riqueza dá".<sup>37</sup>

Para Monteiro Lobato, necessariamente a cultura teria uma "função" de derivativo para o desenvolvimento econômico nacional. O escritor taubateano considerava que "cultura" e "riqueza" possuíam uma relação de reciprocidade, sendo que ambas gerariam o bem desejado da real prosperidade, a qual poderia florir em beleza não só estética, mas também reveladora de um Brasil que, enfim, tomaria consciência de que a implantação de uma nova indústria siderúrgica em território nacional seria possível, caso as ideias de escol fossem, em um primeiro momento, imediatamente adotadas pelos setores mais esclarecidos da população, gerando um aceite sem hesitação dos demais integrantes do povo brasileiro.

A mentalidade do escol brasileiro, para Lobato, legitimava a existência de uma cultura de aparência e não de substância, na primeira metade do século XX. Para o escritor profissional e metalurgista diletante, a cultura seria uma "função" da riqueza, ou seja, em aparência atraente, mas, na realidade, uma essência que revelaria, em si própria, o desenvolvimento do brasileiro como alguém que mereceria o privilégio de deixar-se levar por novas ideias de progresso, simbolizadas pela adoção incondicional de um novo método siderúrgico, que permitiria não só a transformação do ferro em riqueza, mas também o acesso a bens culturais: alfabetização, acesso à escola técnica e superior, realizando, ao mesmo tempo, uma cristalização no Brasil de valores burgueses como a

---

<sup>35</sup> MONTEIRO LOBATO, José Bento. *Ferro*. São Paulo: Brasiliense, vol. 7, 1946, p. 247. Transcrito conforme o original.

<sup>36</sup> *Ibidem*, p. 248. Transcrito conforme o original.

<sup>37</sup> *Ibidem*, p. 249. Transcrito conforme o original.

existência de uma riqueza aparente por membros, dantes imersos na pobreza, integrantes do então organismo social.

Nos artigos e no livro "Ferro", quando Lobato afirma que a cultura "sai" da riqueza, esta era entendida pelo escritor como uma espécie de Atena, deusa da sabedoria, saindo da cabeça de Zeus, onipotente, cuja palavra era lei no Olimpo. Lobato representa uma visão de escol, letrada, empreendedora e burguesa, sobre uma população imersa no cotidiano "mamparreante" da primeira metade do século XX. Para Lobato, cabia à população minimamente letrada e esclarecida apoiar fervorosamente as ideias defendidas pelo escol brasileiro, pois o incremento econômico, social e cultural obtido através de uma nova indústria siderúrgica seria, segundo uma expressão utilizada pelo escritor, "claro como água".<sup>38</sup>

Sem o ferro e seus necessários elementos, tais como a implantação do método Smith, a questão da melhoria dos transportes e a "cegueira" demonstrada por técnicos que, para Lobato, eram extremamente arrogantes, Lobato deixou claro o que pensava sobre a massa da população brasileira da época, no artigo "Consciência de algo errado": "(...) vegetamos como até agora, doentes, incultos, abobalhados, infantis".<sup>39</sup> Esta afirmação encontra-se em uma das notas de rodapé que originalmente foram inclusas na 1.ª edição de "Ferro" (1931), noção esta mantida na edição de 1946, última revisada em vida pelo escritor taubateano.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pandiá Calógeras, em sua ação como metalurgista formado e estudioso da questão da mineração nacional, sabia que não bastaria para o Brasil possuir jazidas de minério de ferro. Era necessária uma mudança cultural dos "regionalismos", que priorizavam a imediata satisfação dos interesses individuais, em detrimento dos interesses econômicos, sociais e culturais do restante dos Estados brasileiros.

---

<sup>38</sup> MONTEIRO LOBATO, J. B. "Tudo é transporte". In: *Ferro*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1931, p. 35.

<sup>39</sup> MONTEIRO LOBATO, J. B. "Consciência de algo errado". In: *Ferro*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1931, p. 28.

Calógeras estudara os informes sobre o método siderúrgico Smith, não sem externar, em sua conferência proferida em 1928, de que havia dúvidas sobre a viabilidade de tal aplicação no Brasil. Caso os informes fossem reais, a solução para o problema siderúrgico brasileiro estaria encontrada.

Para Monteiro Lobato, não havia margem para dúvidas: o método Smith era uma autêntica solução para o problema siderúrgico brasileiro. Embora o escritor taubateano privilegiasse, em seu conjunto de artigos, posteriormente reunidos no livro "Ferro" (1931), a questão do incremento econômico, outras dimensões de autêntico ganho cultural para a sociedade brasileira de então foram também citadas no fortalecimento de seu discurso, tipografado em jornal e livros, perante o público leitor da época, em dimensões política, econômica e cultural.

A dimensão política foi deslindada através da questão de aquisição de poder econômico, sendo que este seria exercido de maneira continental, garantindo a liderança incontestável do Brasil perante, primeiramente, os seus vizinhos sul-americanos, podendo angariar em um futuro bem próximo, o respeito das demais nações do Mundo.

A dimensão econômica faria do Brasil um país tão autossuficiente que o café em grão, cujos estoques foram queimados em boa parte durante o período do Governo Provisório (1930-1934) de Getúlio Vargas para manter os preços da rubiácea durante um contexto de crise econômica provocada pela Crise de 1929, o coco do babaçu, e até o lixo das cidades (resíduos) seriam reaproveitados como fontes de carbono para as retortas dos fornos Smith. Como o país já possuía em abundância minério de ferro, e as questões referentes aos fretes e aos transportes poderiam ser completamente sanados por melhoria do sistema ferroviário então existente, a questão brasileira de não possuir a indústria siderúrgica já estaria, segundo Lobato, em favas contadas.

A dimensão cultural no Brasil seria resolvida pela questão de tirar de cena o "eterno Jeca Tatu" de cócoras, esperando de forma indolente o tempo passar, do contexto brasileiro. Com a riqueza criada pela siderurgia, todos os brasileiros teriam o seu quinhão. A partir deste, haveria um automático acesso à cultura, gerando um eficiente "derivativo cultural" no contexto da sociedade brasileira de então. Cultura seria, para

Lobato, consequência de riqueza. Esta seria legitimadora de um povo brasileiro "corajoso" e "intrépido", disposto a aceitar inovações tecnológicas no ramo da indústria como fundamentais para a sua vida econômica e social em território brasileiro.

Finalmente, as ideias de Pandiá Calógeras foram citadas por Lobato não só como referências de rodapé ao longo do livro "Ferro", mas sim como legitimadoras do discurso de um escritor que se autodenominava "metalurgista", ainda que de maneira diletante, através de um discurso incutido de uma mentalidade de pregador perante os seus prosélitos, ou seja: os "ignorantes" tinham a "obrigação" de aceitarem as ideias tidas como justas e corretas de um escol intelectual, sendo que este, repleto de lógica incontestável, apresentaria aos brasileiros técnicas siderúrgicas eficientes a toda prova. Para Lobato, realizar uma autêntica evangelização sobre o ferro traria a salvação integral de todos os brasileiros, os quais passariam na época, inclusive, a serem "gente no concerto das nações".<sup>40</sup>

---

<sup>40</sup> MONTEIRO LOBATO, José Bento. *Ferro*. São Paulo: Brasiliense, vol. 11, 1946, p. 283.